

Florestan Fernandes e os Dilemas Intelectuais Contemporâneos

Eliane Veras Soares¹

Resumo: Neste artigo procuro abordar, a partir da última entrevista dada por Florestan Fernandes em dezembro de 1994, alguns aspectos da atualidade de seu pensamento para se refletir sobre a sociedade brasileira contemporânea. Darcy Ribeiro é trazido à cena indicar a existência de múltiplas perspectivas e comportamentos entre os intelectuais no campo das ciências sociais brasileiras durante o século XX.

Palavras-Chave: Florestan Fernandes – Brasil- Intelectuais.

Abstract: This article uses the final interview given by Florestan Fernandes, in December, of 1994, to set out some of his thinking about contemporary Brazilian society at the time. Darcy Ribeiro is also brought in to show the existence of multiple perspectives and attitudes among Brazilian social scientists during the twentieth century.

Keywords: Florestan Fernandes – Brasil- Intellectuals.

Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes, homens de uma mesma geração, nascidos no início da década de 1920, viveram até meados da década de 1990, constituem-se como intelectuais típicos do século XX no cenário nacional: intelectuais engajados e fazedores de instituições, realizadores de grandes projetos, e escritores de densa e vasta obra interpretativa do Brasil, um pelo viés antropológico outro pelo viés sociológico. Amigos de longa data, no final da vida divergiram e romperam relações por discordarem dos rumos que deveriam ser seguidos na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Segundo a filha Florestan Fernandes, a socióloga Heloísa Fernandes, após a ruptura, os olhos Florestan Fernandes marejavam quando se mencionava o nome

¹ Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. Líder do Grupo de Pesquisa "Sociedade Brasileira Contemporânea: Cultura, Democracia e Pensamento Social", cadastrado no CNPq.

de Darcy Ribeiro. A ruptura, por certo, não apagou a admiração e o respeito que cultivaram, cada um a seu modo, reciprocamente. A propósito de modos de ser distintos, podemos pensar em uma dimensão dionisíaca e criativa impregnando o modo de ser, agir e pensar de Darcy Ribeiro e uma tendência de rigor mais próxima de uma inspiração apolínea na trajetória de Florestan Fernandes. Um mais sinuoso, mais rebelde, artístico, irreverente. O outro mais disciplinado, focado em metas concretas, construindo o edifício do saber sociológico a partir das bases, da formação. Se colarmos suas vidas espelhadas, lado a lado, identificaremos ritmos de trabalho e entrega intensos, interesses compartilhados – a construção de uma sociedade justa formada por homens e mulheres livres, a análise das relações raciais e étnicas, a ênfase na compreensão dos processos de formação do povo e da nação. Em todos esses temas as análises e os enfoques dos autores são distintos. Neste artigo, o foco da análise recairá sobre a contribuição de Florestan Fernandes à Sociologia Brasileira. Ao final do artigo, chamarei à cena Darcy Ribeiro a fim de alargar com sua presença o esboço das idéias aqui apresentadas.

A presença e as marcas de Florestan Fernandes na Sociologia Brasileira têm sido objeto de estudo e reflexão desde os anos 1960, quando Barbara Freitag realizou sua tese de doutoramento na Universidade Livre de Berlim dialogando com três interpretações do Brasil originárias das obras de Gilberto Freyre, Celso Furtado e Florestan Fernandes. O próprio Florestan realizou nos anos 1970 seus primeiros esboços de auto-análise e de análise de sua geração, publicados no livro “A Sociologia no Brasil: contribuição para o Estudo de sua formação e desenvolvimento”. Durante os anos 1980 e 1990, alguns autores se dedicaram à análise da obra ou aspectos da obra de Florestan Fernandes (ARRUDA, 1995, 2001; CANDIDO, 2001; CARDOSO, 1996; CONH, 1987; COSTA, 2004; 2009; FREITAG, 1987; GARCIA, 2002; IANNI, 1986; MARTINS, 1998; PEIRANO, 1984; SOARES, 1997; entre outros). Recentemente, a preocupação em recuperar, analisar e compreender o pensamento de Florestan Fernandes tem aumentado de modo significativo. Desde a primeira década do século XXI assiste-se cada vez mais à divulgação de monografias, dissertações e teses que tratam do autor paulista sob diferentes ângulos. Além disso, o conjunto da sua obra vem sendo

regularmente reeditado por duas editoras nacionais. O quadro atual difere bastante do que enfrentei no final dos anos 1980 início dos anos 1990 quando realizei minha dissertação de mestrado sobre Florestan Fernandes e ouvi comentários a respeito da pouca atualidade do tema que havia escolhido: a trajetória política de Florestan Fernandes (SOARES, 1997). Segundo tal visão, nos anos 1990, um estudo atualizado deveria se debruçar sobre a trajetória política de Fernando Henrique Cardoso, e não a do seu mestre. Minha hipótese para explicar este *renascimento* do nosso autor pode ser expressa da seguinte forma: o pensamento de Florestan Fernandes é relevante para a sociologia contemporânea não apenas pela profundidade de sua análise em relação aos dilemas nacionais, mas, principalmente, pelo seu modo de proceder a análise. Pela maneira destemida como encarava o seu objeto de investigação e aliava rigor teórico, respeito aos dados empíricos e a busca permanente da interpretação da especificidade dos mecanismos sociais atuantes na realidade analisada.

O sociólogo Francisco Oliveira já afirmou que a sociologia tem se transformado em uma disciplina supérflua, preocupada apenas em desvendar pequenos rituais do cotidiano, abrindo mão da reflexão sobre as grandes questões que haviam caracterizado as origens do pensar sociológico. Pergunto: o interesse atual em torno de Florestan Fernandes poderia ser o esboço de uma forma de reação ao raquitismo sociológico diagnosticado por Oliveira?

Certa vez, ao ser questionado em um programa de rádio sobre o que era a Sociologia, Pierre Bourdieu a definiu como a ciência que procura explicar aquilo que há de duradouro nas sociedades, os mecanismos que tornam possíveis as ações humanas numa dada estrutura social. Justamente por estar preocupado com a mudança social, seus efeitos e impactos na vida social, pode-se observar na obra de Florestan Fernandes uma busca incessante pela compreensão dos padrões que conformavam os diversos processos de mudança, bem como padrões ou mecanismos que limitavam tais processos. Continuidade e mudança: conservação, negação e superação, como se articulam em nossas instituições, em nossa sociedade, nos processos sociais que nos afetam e nos quais somos

atuantes? Todos nós sabemos que a análise sociológica empreendida por Florestan Fernandes a respeito de aspectos diversos da nossa realidade, tais como modernização, democratização etc. sempre esteve vinculada à noção sociológica de “dilema”. Desde o estudo sobre as relações raciais em São Paulo, passando pela análise do sistema educacional e dos desafios colocados para a Universidade (e para os intelectuais), à análise culminante sobre a revolução burguesa no Brasil, a noção de dilema se fez presente. O que constitui um dilema? Quais são as suas características? O dilema consiste em uma situação aparentemente paradoxal que se apresenta como um ciclo vicioso no qual as causas e os efeitos de um dado fenômeno se retro alimentam. Para superá-lo é necessário que se opere uma ruptura.

Á guisa de exemplo, podemos mencionar o dilema racial brasileiro tal como foi interpretado por Fernandes (FERNANDES, 2008). Para ele, o dilema racial brasileiro é um fenômeno estrutural e dinâmico que se concretiza em diversos níveis das relações raciais. Ele consiste na desqualificação do negro (preconceito) em razão de sua condição social (desigualdade) e, ao mesmo tempo, na sua impossibilidade de superá-la por deparar-se com barreiras diversas (discriminação) que levam à reprodução do ciclo de desigualdades raciais. Em outras palavras, o dilema racial se exprime dramaticamente na necessidade do negro em afirmar-se coletivamente como raça para poder participar igualmente da ordem social competitiva. Ao mesmo tempo, as condições de tal afirmação coletiva são constantemente solapadas e neutralizadas, o que gera um ciclo vicioso perverso que aprisiona a população negra nos porões da sociedade brasileira e nas posições sociais inferiores. Para Florestan Fernandes, o único caminho para romper esse ciclo estaria na capacidade de organização, sensibilização, conscientização e reivindicação dos movimentos sociais no meio negro (SOARES *et alli.*, 2004). É a partir da noção de dilema que vou apresentar algumas breves reflexões orientadas a partir do pensamento sociológico de Florestan Fernandes.

No encerramento da Jornada de Marília, realizada em 1986, Florestan Fernandes fez um pronunciamento intitulado “O Renascimento da Universidade”. Nele o

autor apontou princípios fundamentais para o desempenho das tarefas da inteligência universitária. Partindo de sua própria experiência, afirmou:

Há um Florestan que a ditadura pensou ter morto. Ela não o matou mas a universidade o perdeu, na medida em que eu repudiei a vida acadêmica e, especialmente, o padrão universitário de trabalho, de vida intelectual e de esperança humana.(...) A universidade me chama à vida agora, aqui, neste lugar, longe da cidade de São Paulo, mas no interior do coração do Brasil (...) tudo o que foi feito aqui me ajuda a recuperar o equilíbrio que foi muito abalado pelos golpes que sofri, não só pela expulsão da universidade, mas pelo isolamento em que eu precisei viver na cidade de São Paulo quando voltei do Canadá (...). Aqueles que tiveram uma experiência com a vida de intelectual na sociedade brasileira devem ter percebido o lado duro de ser intelectual numa sociedade que é moderna na superfície e rústica nas suas profundezas (FERNANDES, 1987, p. 309-310).

Para Fernandes, a Jornada de Marília teria representado uma iniciativa de ruptura com esta rusticidade, herdada dos portugueses, decorrente da necessidade cultural de superá-la por meio do diálogo crítico: “Estar em posição política antagônica não significa que o homem deva ser fera de outro homem. Portanto, o diálogo é importante, a crítica é importante, o respeito pela crítica é importante” (FERNANDES, 1987, p. 312).

Essa fala emocionada revela também um dos principais legados de Florestan Fernandes à Sociologia Brasileira Contemporânea: a necessidade de encarar criticamente os nossos dilemas e de estabelecer o confronto dialógico entre posições distintas. Florestan Fernandes não olharia para o cenário político atual, por exemplo, apenas com olhos de espanto e horror. Longe de agir como “consciência moral do mundo”, como afirmou Fernando Henrique Cardoso em relação a Florestan Fernandes² sua análise seria provavelmente, como sempre foi, pautada por teorias e conceitos que auxiliassem na análise do dilema em questão.

² Depoimento de Fernando Henrique Cardoso concedido à autora em 11 de abril de 1991.

A última participação de Florestan Fernandes no programa de televisão *Roda Viva*, em dezembro de 1994, (FERNANDES, 2011) após a primeira vitória de Fernando Henrique Cardoso e segunda derrota do Partido dos Trabalhadores à Presidência da República, também ilustra essa característica do modo de refletir, como veremos a seguir:

1. ***Um homem sozinho não faz a história*** – em vários momentos da entrevista os jornalistas insistiam em saber a opinião de Florestan sobre o destino do futuro governo de Fernando Henrique Cardoso. Perguntavam se quem governaria seria o discípulo primeiro de Florestan Fernandes, comprometido com a mudança social e de inspiração marxista, ou o político que havia decepcionado o mestre realizando alianças com setores conservadores para chegar ao poder, notadamente, o PFL (Partido da frente Liberal, hoje Partido Democrático - DEM). Em outros momentos questionavam se a transformação profunda e necessária da sociedade brasileira (superação das desigualdades, democratização efetiva etc.) estaria nas mãos do presidente eleito Fernando Henrique Cardoso ou do candidato derrotado Lula. Florestan pacientemente respondeu, repetidas vezes, que a transformação, a mudança ou mesmo a conservação de uma situação histórica não é obra de um homem. Tudo depende das complexas relações entre o homem e as circunstâncias. A relação entre indivíduo e história, tal como explicitada por Mannheim em *Ideologia e Utopia*, revela ao mesmo tempo as possibilidades e os limites de um líder político. Com ironia, refere-se ao entusiasmo dos intelectuais com a eleição de FHC: “Os intelectuais estão sujeitos a ilusões e esperanças, pela primeira vez encontram um intelectual de alto nível na presidência da república”.

Ouvindo agora estas palavras, pergunto-me se mais uma vez parte dos intelectuais brasileiros (e grande parte da população) não teria sido vítima de “ilusões e esperanças”, com a vitória, pela primeira vez na história nacional, de um trabalhador filiado a um partido dos trabalhadores, nas eleições para presidência da República? Teríamos descuidado da análise das circunstâncias históricas, internas e externas? Não teríamos dado, por exemplo, suficiente atenção ao conteúdo da “Carta ao Povo Brasileiro”, na qual o então candidato

Luiz Inácio da Silva propõe um pacto com o povo, na forma de uma série de compromissos, que foi selado em 23 de julho de 2002 no documento “Compromisso com a soberania, o emprego e a segurança do povo brasileiro” e que, segundo analistas políticos, foi responsável pela inversão da curva eleitoral que marcou a vitória do candidato petista? A Carta apresenta ao mesmo tempo o anseio de mudança do povo, a disposição do candidato (pois a carta é pessoal) para realizá-la, a promessa de que a mudança não implicaria em ruptura, ao contrário, garantia que todos os compromissos anteriormente assumidos pelo Estado seriam honrados, e reconhecia que “a margem de manobra da política econômica no curto prazo [era] pequena”. A análise do conteúdo da carta realizada pelo diplomata Paulo Roberto de Almeida leva-nos a concluir que há uma aproximação, ainda que travestida de crítica ao Governo FHC e de um discurso da mudança, entre o compromisso - e provável programa de governo - assumido pelo candidato do PT e a ação governista de então. Em outras palavras, uma aproximação entre o futuro governo do PT e então vigente governo do PSDB. O que teria mudado? O que teria operado tal transformação no discurso adotado pelo candidato do PT? Voltemos a Florestan Fernandes.

2. O Congresso revela estrutura de poder arcaica vigente no Brasil. Ao ser perguntado sobre as contribuições de empreiteiras como a Odebrecht à campanha eleitoral do PT em 1994, Florestan Fernandes afirma que isso é um reflexo da opção do partido pela conquista de cargos. Todos nós conhecemos a sua posição de defender o partido como instrumento de educação política da população. O ponto crucial desta questão diz respeito ao pressuposto teórico, segundo o qual as grandes mudanças sociais decorrem da sociedade civil e não do Estado. Um novo dilema se estabelece: como é que em um país como o Brasil nós poderíamos constituir um Estado diferente se a sociedade civil não é capaz de criar um Estado diferente?. “Os grandes movimentos nascem da sociedade civil e não do Estado” (FERNANDES, 2010, p.335). Para Florestan é preciso criar outra sociedade civil, daí a importância dos partidos e seu papel construtivo nesse processo. Quando o partido se propõe a conquista de cargos políticos e posições executivas sem criar as condições de transformação dadas pela organização da sociedade civil, ele tende a assumir as posições dos partidos da ordem. Isto é,

jogar o jogo político segundo as regras do padrão arcaico de dominação. A superação do dilema, não se encontraria no Estado, nem na existência de um salvador da Pátria, mas em uma verdadeira revolução democrática no interior da sociedade. O que Florestan denomina a formação da consciência social crítica: fazer do indivíduo um cidadão.

3. O conflito de idéias e perspectivas está na base da democracia – O último aspecto que eu gostaria de mencionar diz respeito à resposta de Florestan à pergunta sobre a sua posição no Partido. Afirma ele que há pessoas (lembre-se que a entrevista é de dezembro de 1994) que estavam no PT e poderiam perfeitamente estar no PSDB, entre elas destaca nominalmente José Genuíno. Ressalta, contudo, que estes nomes eram deputados hábeis e combativos, e que poderiam permanecer no partido uma vez que o partido político precisa de correntes em conflito para que haja democracia interna.

Para finalizar esta breve reflexão sobre a atualidade do pensamento de Florestan Fernandes para a sociologia brasileira, de retornar à menção a respeito do papel crítico da Universidade e da necessidade de cultivar meios capazes de propiciar o aprendizado do diálogo entre diferentes posições teóricas, políticas e ideológicas que tanto carecemos. Este me parece ser o principal legado do pensamento político e da obra sociológica de Florestan Fernandes.

Essa postura que nós poderíamos denominar de radicalmente democrática, traduz a nosso ver um tipo de intelectual encarnado por Florestan Fernandes. No espelho com Darcy³, seu amigo e admirador, vemos um atitude diversa e talvez complementar: Darcy é o intelectual que elabora uma teoria, propõe um programa político cultural de identidade nacional, coloca em prática suas idéias. Os diversos momentos de sua trajetória são pautados pela produção de algo novo: a atuação no Serviço de Proteção aos Índios (SPI), a criação da Universidade de Brasília, dos CIEPs, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, entre tantos outros

³ Para uma análise mais detalhada a obra e da atuação de Darcy Ribeiro remeto aos trabalhos recentes de Adelia Miglievich Ribeiro, entre eles, MIGLIEVICH RIBEIRO, Adelia Maria . Narrativa e reconciliação em "O povo brasileiro" de Darcy Ribeiro. Naveg@merica (Murcia), v. 5, p. 1-14, 2010.

projetos colocados em prática. Para além das contribuições de Florestan e Darcy no campo político, cada qual a seu modo, em que compartilhavam a construção de uma sociedade justa formada por homens e mulheres livres no campo político, a despeito das opções distintas na ação política, o legado de seus escritos nos trazem questões fundamentais acerca de nós mesmos, às quais precisamos responder com as incertezas do nosso próprio tempo.

Referências

- ALMEIDA, Paulo Roberto. *Dois anos de "Carta ao Povo Brasileiro"*: De volta a um documento de ruptura. *Revista Espaço Acadêmico*, n.38. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/038/38pra.htm>> Acesso em 3 out. 2005.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a 'escola paulista'*. In: Micelli, Sérgio (org). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP. V. 2., 1995.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Florestan Fernandes e a sociologia de São Paulo*. In: *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru: EDUSC, 2001.
- CANDIDO, Antonio. *Florestan Fernandes*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Florestan Fernandes: a criação de uma problemática*. *Estudos Avançados*, São Paulo, 10(26), jan./abr., 1996", p. 89-128.
- COHN, Gabriel. *O ecletismo bem temperado*. In: D'INCAO, Maria Ângela (org). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.
- COSTA, Diogo Valença de Azevedo. *Florestan Fernandes em questão: um estudo sobre as interpretações de sua sociologia*. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, 2004.
- COSTA, Diogo Valença de Azevedo. *As raízes ideológicas da sociologia de Florestan Fernandes*. Tese de Doutorado, UFPE, Recife, 2009.
- FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil: contribuições para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *O renascimento da Universidade*. In: D'Incao, Maria Ângela (org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.
- _____. *A integração do negro na sociedade de classes: Ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Editora Globo, 2008. 2 vol.
- _____. *Florestan Fernandes no centro do Roda Viva*. In: *Florestan Fernandes leituras & legados*. São Paulo: Global, 2010.
- GARCIA, Sylvia Gemignani. *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: 34, 2002.
- IANNI, Octavio. *Introdução*. In: *Florestan Fernandes: sociologia*. São Paulo: Ática. (Coleção Grandes Cientistas Sociais), 1986.
- MIGLIEVICH RIBEIRO, Adelia Maria . Narrativa e reconciliação em "O povo brasileiro" de Darcy Ribeiro. *Naveg@merica* , v. 5, p. 1-14, 2010.

PEIRANO, Mariza. *A antropologia esquecida de Florestan Fernandes: os Tupinambá*, In: Anuário Antropológico/82, Fortaleza / Rio de Janeiro: Edições UFC/Tempo Brasileiro, 1984, p. 14-49.

SILVA. Luis Inácio Lula da. *Carta ao Povo Brasileiro*. Disponível em <http://www.lula.org.br/obrasil/carta_povo_brasil.asp>. Acesso em 3 out. 2005, 2002.

_____. *Compromisso com a soberania, o emprego e a segurança do povo brasileiro*. Disponível em <<http://www.lula.org.br/assets/compromissocomasoberania.pdf>>. Acesso em 3 out. 2005, 2002.

SOARES, Eliane Veras. *Florestan Fernandes: o militante solitário*. São Paulo: Cortez, 1997.

SOARES, Eliane Veras; BRAGA, Maria Lucia de Santana; COSTA, Diogo Valença de Azevedo. *O dilema racial brasileiro: de Roger Bastide a Florestan Fernandes ou da explicação teórica à proposição política*. *Sociedade e Cultura*, Goiânia - Goiás, v. 5, n.1. , 2004, p. 35-52.